

Narrativas antropofágicas: repercussões entre o gospel e o secular em Baby do Brasil¹

Isabella Pichiguelli
Míriam Cristina Carlos Silva

Resumo

Neste artigo, buscamos compreender de que modo a poética antropofágica promovida por Baby do Brasil - ao mesclar elementos culturais díspares - é apreendida nas narrativas jornalísticas de dois segmentos: o da imprensa especializada no universo da cultura gospel; e o da imprensa denominada secular, por não se pautar especificamente por nenhuma religião. Para tanto, utilizamos a análise de conteúdo, com base teórica em Oswald de Andrade, Magali Cunha, Muniz Sodré, entre outros. Indicamos como rara a apreensão da mistura realizada por Baby do Brasil, pois que demanda a compreensão não somente das culturas que se imbricam, mas também do próprio processo antropofágico.

Palavras-chave: Comunicação e Cultura; Narrativas Midiáticas. Antropofagia. Gospel e Secular. Jornalismo.

Abstract

In this article, we seek to understand how the anthropophagic poetics promoted by Baby do Brasil by mixing disparate cultural elements is captured in the journalistic narratives of two segments: the specialized press in the universe of gospel culture; and that of the so-called secular press, because it is not specifically governed by any religion. For that, we use the content analysis, with theoretical basis in Oswald de Andrade, Magali Cunha, Muniz Sodré, among others. We point out how rare the apprehension of the mixture made by Baby of Brazil, since it demands the understanding not only of the cultures that are interwoven but also of the own anthropophagic process.

Keywords: Communication and Culture. Media Narratives. Anthropophagy. Gospel and Secular. Journalism.

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Introdução

Este artigo tem como origem reflexões e questionamentos realizados durante o percurso no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCC/Uniso). Aqui, aprofundamos e ampliamos as discussões acerca das narrativas antropofágicas, a partir do objeto de estudo investigado: as mesclas entre as culturas gospel e secular, promovidas pela cantora Baby do Brasil (SCARANELLO, 2017).

Baby do Brasil (Bernadete Dinorah de Carvalho) é uma cantora que ficou conhecida na década de 1970 como Baby Consuelo, vocalista do grupo Novos Baianos, que tinha como marca a mistura do samba com o rock, do metal com o pandeiro (VARGAS, 2011).

Convertida à fé evangélica, no início dos anos 2000, através da igreja pentecostal Sara Nossa Terra, a artista se concentrou, por pouco mais de uma década, na produção de canções gospel, mercadologicamente produzidas para o público evangélico, majoritariamente instruído pelas igrejas a consumir músicas somente de cunho religioso, sendo que as demais produções artísticas são consideradas profanas (CUNHA, 2004). De 2012 a 2015, porém, a cantora voltou a seu repertório de MPB, em turnê batizada de Baby Sucessos.

O retorno à música popular brasileira, entretanto, não significou o abandono do gospel. Em meio a canções como “Todo dia era dia de índio”, Baby do Brasil grita “Glória a Deus”, “Aleluia!”, expressa louvores por meio do fenômeno da glossolalia; troca letras de músicas, como em “Menino do Rio”, na qual canta “Jesus Forever tatuado no braço”, no lugar de “dragão tatuado no braço”; entre outras ações que se entrecruzam aos movimentos próprios do palco em um show de MPB, como o sambar, o rebolar, o sensualizar (PICHIGUELLI; SILVA, 2017).

A este amálgama, como depois evidenciaremos, chamamos de poética antropofágica, por meio da qual a artista promove o enfraquecimento da dicotomia gospel/secular, ilustrada pela barra que indica oposição, ao passo que faz surgir o novo: nem gospel, nem secular, mas gospel-secular, mestiço e ambivalente.

Consideramos que, quando elementos tidos como sagrados e profanos se misturam, em especial quando o sagrado de que se fala provém da cultura gospel, em imbricações com a cultura secular (assim denominada em diferenciação ao que é identificado como gospel), o olhar da pesquisa se torna imperativo, pois tal hibridação pode indicar a existência de desvios nos padrões das dinâmicas socioculturais, e conseqüentemente políticas, que se reconhecem como hegemonicamente em curso.

As questões aqui abordadas, portanto, possuem como motivação um monitoramento. Comparando a grande literatura às mídias, é uma busca por saber se, a respeito de possíveis alterações nas configurações socioculturais que apartam o gospel do secular, poderá ser dito do tempo presente:

Os embriões de uma nova concepção do mundo começavam a aparecer por toda a parte mas, fechados nas formas específicas da cultura cômica, dispersos nas ilhotas isoladas e utópicas de banquetes, ou ainda no elemento móvel da língua falada familiar, eram incapazes de crescer e desenvolver-se. Para chegar a isso, tinham que penetrar obrigatoriamente na grande literatura (BAKHTIN, 1987, p. 83).

Mesmo que sejam notáveis as distâncias temporal e espacial que separam a grande literatura da Europa na Idade Média, sobre a qual disserta Bakhtin (1987), das narrativas midiáticas que circulam em solo brasileiro, o paralelo nos parece propício, pois interessa-nos, na observação de Bakhtin, a reflexão acerca

da formação de novos territórios e novas práticas culturais, válida para nossa analogia.

Nessa direção, utilizamos como método **a análise de conteúdo (BARDIN, 2011)** e nos concentramos, como recorte de pesquisa, nas narrativas midiáticas produzidas tanto pela imprensa especializada na cultura gospel quanto pela imprensa secular (não pautada especificamente por nenhuma religião), com o objetivo de compreender de que modo estas apreendem a poética antropofágica promovida por Baby do Brasil, ao mesclar elementos culturais considerados díspares: sagrado/profano, gospel/secular.

Antes, entretanto, é necessário que coloquemos foco sobre tais elementos culturais que se entrecruzam nas apresentações da cantora, o que passaremos a realizar nos próximos tópicos, ao discurrir acerca da cultura gospel e também do fazer artístico de Baby do Brasil anterior à sua conversão à religião evangélica.

Cabe pontuar aqui que, ao olhar para essa conjuntura, optamos por trilhar o caminho da compreensão, que não aceita tudo ingenuamente, mas requer, conforme Martino (2004, p. 32), um “pensar o outro”, que é “tentar igualmente pensar como o outro e a partir do outro”, o que permite que uma análise alcance complexidade: “compreender o outro, nesse sentido, é tentar ver nele a mesma complexidade que reivindicamos para nós” (MARTINO, 2004, p. 31).

Tropicália – raízes artísticas de Baby do Brasil

A mescla entre textos culturais diversos não é dinâmica recente na carreira de Baby do Brasil, que se possa identificar somente a partir da turnê Baby Sucessos. Em seus primeiros passos

na música, no grupo Novos Baianos na década de 1970, a artista já promovia combinações inusitadas.

Composto também por Luiz Galvão, Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Jorginho Gomes e Pepeu Gomes, os Novos Baianos ficaram marcados pelo “misticismo, uso de drogas, ligação com a natureza, coletivismo e criatividade” (VARGAS, 2011, p. 463), e, além disso, pela influência da contracultura, movimento que, com particularidades ao redor do mundo, questionava pensamentos e comportamentos da cultura ocidental à época (VARGAS, 2011).

Os Novos Baianos eram, ainda, herdeiros da Tropicália (VARGAS, 2011; GALVÃO, 2014), movimento artístico que, em um Brasil politicamente turbulento da década de 1960, rompeu com polarizações e discursos políticos que predominavam então até mesmo nas artes, sobretudo, por meio de uma linguagem antropofágica, descoberta e retrabalhada (FAVARETTO, 2000).

Idealizado por Oswald de Andrade em seu Manifesto Antropófago (1928), entendemos o conceito de antropofagia como metáfora que possibilita a compreensão de processos que envolvem uma vocação da cultura brasileira, e também como poética, que pode manifestar-se artisticamente mediante a aproximação de elementos aparentemente distantes, por meio de um processo de alteridade que se dá na devoração, na deglutição crítica, e na incorporação do alheio e do diferente, de modo que haja a transformação e o surgimento de um novo elemento, amalgamado, não por isso ausente de contradições, mas carregado de complexidade (SILVA, 2015).

Entendemos a antropofagia, além disso, como política, não como “vontade de poder”, como diz Benedito Nunes (1990), mas como proposição utópica de relações e negociações, “na medida em

que utopia significa a absorção, na liberdade e na igualdade, da violência geradora dos antagonismos sociais” (p. 38).

Assim, a poética antropofágica ocorre quando se “consegue unir o local e o universal, o contemporâneo e a tradição, o erudito e o popular”, em um “exercício de desconfiança ante tudo o que possa parecer absoluto, definitivo” (SILVA, 2007, p. 164).

No caso dos tropicalistas, as mesclas culturais romperam, em princípio, o abismo que separava a arte enaltecida de melodias e instrumentos tradicionais do Brasil e aquela de musicalidade mais internacional e comercial. Na contramão do antagonismo em vigor à época, as canções tropicalistas traziam, quase sempre, “a mescla de ritmos brasileiros tradicionais (urbanos ou folclóricos) com ritmos que foram difundidos pelo rádio, disco, televisão e cinema: samba, rumba, baião, ponto de macumba, rock, bolero etc.” (FAVARETTO, 2000, p. 121). Favaretto (2000, p. 51) conta que “antes de conhecerem a poesia concreta e Oswald de Andrade, os tropicalistas (pelo menos Caetano e Gil) tinham feito músicas que delineavam o movimento”. Mas foi o pensamento antropófago que “forneceu-lhes os argumentos e as informações de que necessitavam para fundamentar e desenvolver seu projeto” (FAVARETTO, 2000, p. 51).

De volta aos Novos Baianos, Luiz Galvão (2014), integrante do grupo, relata que os músicos, no começo, imitavam o Tropicalismo, até encontrarem a própria identidade musical. Apesar de criar sua própria sonoridade nos discos posteriores, o grupo não deixou a característica fundamental da Tropicália: a antropofagia.

Para Vargas (2011), mesmo que os tropicalistas tenham introduzido sons de instrumentos elétricos em suas canções, foram os Novos Baianos que aprofundaram musicalmente as combinações. Afirma que, no trabalho dos Novos Baianos,

[...] ganhou importância a prática antropofágica (decorrência direta do tropicalismo) de misturar estilemas externos à música brasileira (conforme entendimento da época) com formas musicais nacionais (samba, frevo, choro) como procedimento de criação. [...]. Tal uso não apenas retomou a atitude tropicalista (já inscrita na história da MPB), mas avançou no que se refere às maneiras de incorporar timbres e mesclar escalas e padrões melódicos nos solos (p. 472).

Os processos antropofágicos, assimilados por Baby do Brasil em sua arte no grupo Novos Baianos, ajudam a compreender seus movimentos na turnê Baby Sucessos (2012 – 2015), ao entrecruzar elementos culturais distantes e distintos: o gospel e o secular.

Uma das expressões dessa mescla é o termo *popstora*, cunhado por Baby do Brasil para denominar a si mesma. Junção de *pop* (que remete a seu *status* de celebridade da música, pertencente ao círculo midiático *pop*) com *pastora* (que indica o papel que desempenha em sua comunidade de fé evangélica), o termo *popstora* destaca-se como exemplo de uma poética antropofágica, ao modo muito oswaldiano, pois se dá a partir de um procedimento amplamente usado pelo poeta e posteriormente denominado por Décio Pignatari como *palavra-valise*: uma palavra ou palavras dentro da outra, em um amálgama *verbivocovisual* – verbal, visual, sonoro – (SILVA, 2009) capaz de produzir estranhamento e a desconstrução de binarismos e oposições a partir da própria linguagem.

Cultura gospel

A cultura gospel é o cerne de mudanças no modo de ser da maioria dos evangélicos no Brasil nas últimas décadas – mais especificamente a partir dos anos 1990 –, operada por meio do delineamento midiático de uma nova identidade religiosa e pela ampliação e

fortalecimento das linhas divisórias entre o que é considerado sagrado ou profano, com a consolidação deste grupo como um segmento de mercado e com o significativo aumento da presença e participação de evangélicos na esfera pública, nas mídias tradicionais ou digitais, e na política partidária do país (CUNHA, 2017).

Esse novo jeito de ser evangélico, formatado pela cultura gospel, encontra no mercado fonográfico um de seus mais importantes pilares, com a instituição do artista gospel na posição de modelo e mediador do sagrado (CUNHA, 2004).

A palavra *gospel*, assim, designa tanto a cultura quanto a música com conteúdo religioso cristão, que se diversifica em ritmos musicais, como o rock, o sertanejo, o samba, as baladas, entre outros, com o objetivo de louvar a Deus (CUNHA, 2004). Mais que ser definida pela temática, entretanto, é essencialmente caracterizada por quem a realiza: os evangélicos, oriundos da reforma protestante, e, portanto, adeptos do cristianismo.

A cultura gospel, deste modo, desenvolveu-se de maneira oposta e afastada da chamada cultura secular, que abarca toda e qualquer manifestação cultural que não possui caráter religioso protestante. Essa separação atua, centralmente, na construção midiática de uma identidade própria dos evangélicos brasileiros na contemporaneidade, apesar da pluralidade de igrejas denominadas evangélicas, com múltiplas divergências entre si.

Nesse sentido, compreender este processo de construção de identidade é essencial. Rubem Alves (2005, p. 285) explica que: “Ao me afirmar estou implicitamente negando tudo aquilo que me nega e que me ameaça de dissolução. Identidade pressupõe conflito”. É por esse motivo que outras vertentes cristãs, como as expressões culturais e artísticas da religião católica, são consideradas seculares:

Nos primórdios do protestantismo no País, era importante adotar um nome que representasse aquela nova experiência vivida no Brasil e que demarcasse a negação do Catolicismo. Para isso foi escolhida a expressão “crente em nosso Senhor Jesus Cristo”, ou, numa abreviação, “crente”. [...]. O termo “crente” foi então, ao longo das décadas do século 20, substituído por “evangélico” para designar os fiéis e as igrejas não católicas. Aos não-evangélicos atribuía-se a expressão “do mundo” ou “mundanos” (CUNHA, 2017, p. 15).

Essa necessidade de diferenciação entre evangélicos e católicos, para Alves (2005), impede “a tomada de consciência de uma identidade fundamental que os caracteriza a ambos, na sua atitude para com os textos sagrados” (p. 291).

Assim, é possível entender por que a oposição permanece, mesmo em expressões religiosas muito semelhantes: “O protestantismo veio para o Brasil a fim de resolver um problema: o catolicismo. Sua missão é converter católicos ao protestantismo. Suponhamos, entretanto, que o próprio catolicismo se converta. Que acontecerá ao protestantismo? Perderá sua função” (ALVES, 2005, p. 292).

A princípio, porém, a palavra *gospel* referia-se a um estilo musical específico, surgido na década de 1920, nos Estados Unidos, em comunidades protestantes negras, que se desenvolveu, em seus primeiros passos, próximos a movimentos sociais e políticos.

De acordo com Cunha (2004), as influências do *gospel* foram: os *labor songs* (canções de escravos negros entoadas para marcar ritmicamente os tempos de trabalho, mas que também eram usadas para recreação e comunicação entre eles); os hinos tradicionais das igrejas protestantes; os *negro spirituals* (resultado da mescla feita, pelos escravos negros convertidos ao cristianismo, entre os *labor songs* e os hinos das igrejas protestantes); as canções do movimento *Revival* (“Reavivamento”, movimento evangelístico do final do século XIX),

que tinham um viés emocional e espontâneo, com uso de cantos corais e do modelo “pergunta-resposta”, entre pregadores e congregações; o ragtime; o jazz; e o blues.

Determinante em momentos políticos críticos nos Estados Unidos, como na luta pelos direitos civis da comunidade negra na década de 1960, a música gospel também alcançou alta popularidade entre os norte-americanos, ultrapassando os muros das igrejas e dos ambientes religiosos. Como conta Cusic (1990, p. 123):

The black church and politics have often been linked, with preachers often serving as a lightning rod for political issues. It was Martin Luther King, Jr., a preacher from Atlanta and Montgomery, Alabama who led the Civil Rights Movement in the 1950s and 1960s. A number of other black politicians have come from churches and the Civil Rights Movement itself owes the major portion of its victory to the grassroots support of church members. Since music is a key focal point for the black church, it is logical that black gospel music would play a pivotal role in the Civil Rights Movement.²

Com o passar dos anos, entretanto, muito em razão da popularidade que ganhou e de estratégias de *marketing*, a música gospel deixou de ser reconhecida por um estilo musical, separando-se, apenas, do que ficou conhecido como música secular. O gospel imbricou-se com diversas características da música secular (ritmos, melodias, estrutura de shows, etc.), mas a manteve de modo demarcado em distinção e afastamento, exatamente por não ter Deus como tema central e por não ser realizada, exclusivamente, por evangélicos.

² A igreja negra e a política, muitas vezes, estiveram ligadas, com os pregadores servindo frequentemente como um para-raios para as questões políticas. Foi Martin Luther King Jr., um pregador de Atlanta e Montgomery, Alabama, que liderou o Movimento de Direitos Civis nas décadas de 1950 e 1960. Vários outros políticos negros vieram de igrejas e o próprio Movimento de Direitos Civis deve a maior parte de sua vitória ao apoio popular dos membros da igreja. Uma vez que a música é um ponto focal chave para a igreja negra, é lógico que a música gospel negra desempenharia um papel fundamental no Movimento dos Direitos Civis. (Tradução nossa)

Apesar dessa clivagem, é interessante notar que o gospel, como estilo musical, nasce antropofágico. Embora parta de um olhar de Oswald de Andrade para o Brasil, a antropofagia pode ser entendida como um processo da cultura, conforme apontamos e, portanto, pode se manifestar em todas as culturas. No caso do gospel, os negros souberam assimilar – antropofagizar – distintos estilos musicais nos Estados Unidos. E souberam combinar elementos distintos da África em diáspora na América, resultando em uma rejunção do que havia sido perdido. Por meio de uma poética antropofágica, aquilo que das diversas Áfricas foi cindido, na América, reintegra-se. Neste sentido, destacamos o quanto é possível encontrar convergência na complexidade: da Tropicália ao Gospel, do Gospel à Tropicália.

Narrativas antropofágicas - em busca da compreensão

Compreendemos as narrativas como formas de mediação dos fenômenos sociais. Quando se trata das narrativas jornalísticas, por meio de um processo de “pôr em comum [...] o que existencialmente não deve permanecer isolado”, conforme Muniz Sodré (2009), intercambiam-se vivências do dia-a-dia, entrelaçadas em “uma partilha discursiva das possibilidades de compreensão” (p. 180-181).

Nessa partilha, o jornalismo se flexiona entre visões de mercado (nas quais se incluem práticas de entretenimento) e aquelas que intentam, pragmaticamente, oferecer quadros de realidade comprometidos com a busca da verdade (SERELLE, 2011).

Apesar dessa tensão, o jornalismo pode ser entendido, para Benetti (2010), epistemologicamente ele próprio como um acontecimento, na medida em que reproduz sistematicamente certos sen-

tidos, ângulos e temas. Para a autora, por meio do jornalismo – em suas colaborações para visibilidades ou apagamentos –, é possível se obter um panorama dos valores hegemônicos de uma sociedade ou grupo social.

Desta forma, em busca de nosso objetivo – compreender de que modo imprensas (tanto especializadas no universo gospel quanto aquelas não pautadas por nenhuma religião) apreendem a poética antropofágica promovida por Baby do Brasil ao mesclar elementos culturais considerados díspares – aplicamos a análise de conteúdo (BARDIN, 2011) a 91 matérias³ (publicadas nos portais de notícia www.folha.uol.com.br, www.rollingstone.uol.com.br, www.musica.uol.com.br, www.oglobo.globo.com, www.gospelmais.com.br e www.gospelprime.com.br).⁴

A partir da análise, observamos que, apesar da existência de diversos modos de representar o fenômeno, **é rara a compreensão** dos entrelaçamentos realizados pela cantora.

Com atenção voltada à leitura dos textos selecionados; à fase da carreira de Baby do Brasil no momento da publicação; ao gênero jornalístico empregado; ao contexto que gerou a matéria; ao tema principal, colocado em evidência dentro do texto; aos valores-notícia que geraram e organizaram a publicação; ao modo como as culturas gospel e secular foram percebidas e tratadas nas matérias e ao modo

3 Para que comparações fossem possíveis, as publicações foram selecionadas pelos seguintes critérios de recorte:

- a) matérias veiculadas de 11/2005 a 10/2012, período em que Baby do Brasil encontrava-se dedicada em maior tempo à música e cultura gospel, ao qual denominamos de Fase Gospel da carreira da cantora;
- b) matérias veiculadas de 11/2012 a 10/2015, período que marca a volta de Baby do Brasil aos palcos seculares e que encontra ápice em sua participação no festival de música Rock in Rio em 2015, ao qual denominamos de Fase Gospel-Secular da carreira da artista.

4 Foram excluídas matérias em que Baby do Brasil é apenas citada, como em listas de divulgação de shows, ou nas quais não há uma representação propriamente dita da cantora no texto, que relata somente, por exemplo, que ela subiu ao palco para cantar determinada música em show de outro artista;

como as narrativas de Baby do Brasil foram representadas nos textos; uma diversidade de abordagens foi revelada⁵, porém suas significações, em maioria, nivelam-se e apresentam-se como índices da predominância da oposição, permanente nas construções simbólicas, entre cultura evangélica e cultura secular.

As únicas exceções a este quadro, em 91 publicações, são 4 matérias da imprensa secular, as quais apresentaremos aqui brevemente, em razão dos objetivos deste trabalho.

Em duas publicações, consideramos que a poética antropofágica de Baby do Brasil foi apreendida de tal forma, que foi incorporada ao modo de relatar as narrativas da cantora e seus entrecruzamentos culturais. Em “Show de Baby do Brasil foi noite histórica, diz Zeca Camargo”, encontramos descrições como: “No palco, enfim, uma verdadeira pastora, cantando para fiéis pagãos da Igreja Maior do Bom Refrão” (CAMARGO, 2012) e “Baby cantava tudo [...] como que desafiando um grupo de seletas cantoras de gerações subsequentes que fizeram questão de ir até lá presenciar aquele retorno. Era, esse sim, o verdadeiro Culto das Princesas” (CAMARGO, 2012), em referência a um evento promovido por uma das filhas da artista, Sarah Sheeva. Observamos que, nesses textos, a partir das misturas entre elementos do gospel e do secular, há a realização de mais mesclas, que ultrapassam aspectos culturais e exploram conjuntamente outras nuances do que ocorre no palco, como as **intercalações musicais**, como lemos em “Tinindo trincando”: “Janis Joplin do samba, Amy Winehouse da alegria, paqueta do Inferno, anjo furta-cor de um Deus que é pura celebração mastroiânica” (CORSALETTI, 2013).

5 Foram adicionados como índices de referência, à medida que os textos eram lidos, conflito Gospel x Secular e Presença do Gospel no Secular (por entender que matérias tratavam os dois temas como diferentes e com distintas nuances de percepção); e ainda Humor (na forma de escrita do texto ou percebido como característica de Baby do Brasil); e Temas Polêmicos (em razão da incidência de assuntos como sexualidade ou drogas em algumas matérias).

Já na reportagem “Baby do Brasil lança primeiro registro ao vivo da carreira e não descarta uma reunião dos Novos Baianos”, escrita após um encontro entre a repórter e a cantora, a poética antropofágica promovida pela artista não é incorporada ao texto; entretanto, tampouco há estranhamento, como ocorre na maioria das publicações que analisamos (cf. SCARANELLO, 2017), mas sim a legitimação das narrativas da cantora, em meio a um longo relato acerca de sua carreira, como observamos em: “Evangélica convicta [*mas, nunca careta!*] há mais de duas décadas, Baby começou sua trajetória artística aos 14 anos” (RABASSALO, 2015) e “Após uma temporada dedicada à música gospel, Baby voltou aos palcos por intermédio de uma proposta irrecusável do filho [...]. O ‘show abençoado’, que está na estrada há dois anos, foi registrado no CD e DVD” (RABASSALO, 2015).

Por fim, encontramos uma matéria veiculada ainda durante a fase da carreira de Baby do Brasil na qual se dedicava à música gospel, publicada em 2006, em que as combinações entre músicas religiosas e seculares – presentes no *setlist* de um show da artista realizado para o projeto Credicard Vozes, com apenas uma apresentação –, foram relatadas sem indicação da existência de um conflito, tampouco de uma cisão entre as duas culturas. Durante a reportagem intitulada “Baby do Brasil volta à música secular”, o que notamos são descrições das várias influências musicais e culturais encontradas durante a carreira da cantora, de modo que a presença de canções advindas do gospel em um show de músicas seculares não causou estranhamento, conforme lemos em: “Baby já cantou rock, samba, choro, pop, forró, blues, reggae e sempre foi adepta do que vier eu traço, inclusive nome de seu primeiro disco solo. Na prática, a idéia vai longe” (EVANGELISTA, 2006); “Adepta antiga da espiritualidade, Baby [...] já gritou ‘rá’ para Thomas Green Morton, já fez o caminho

de Santiago de Compostela. E desde seu último disco, ‘Exclusivo para Deus’, de 2000, que Baby tem se dedicado, como diz o título, exclusivamente à própria religiosidade” (EVANGELISTA, 2006); e “Então, mais uma faceta de Baby para se ver no show. Além de bossas como ‘Desafinado’, choros como ‘Apanhei-te Cavaquinho’ [...] estarão no repertório do show também canções gospel como ‘Amazing Grace’ [...]” (EVANGELISTA, 2006).

Considerações finais

Neste trabalho, buscamos compreender de que modo a poética antropofágica promovida por Baby do Brasil ao mesclar elementos culturais considerados distintos – gospel, sagrado / secular, profano – é apreendida por imprensas representantes destes mesmos segmentos, a fim de identificar, por meio das construções simbólicas que se apresentam, alternâncias ou permanências nos padrões das dinâmicas socioculturais, e conseqüentemente políticas, que se reconhecem como hegemonicamente em curso.

Encontramos, majoritariamente, a incompreensão do trânsito entre gospel e secular; índice da conservação da oposição como entendimento predominante quando se trata dessas expressões culturais, o que pode dizer muito a respeito de nossa sociedade atual.

As exceções a este quadro nas narrativas jornalísticas estimulam reflexões que merecem destaque. Entendemos que, para apreender a poética antropofágica em Baby do Brasil é preciso que haja compreensão. Não uma compreensão posterior, concretizada, mas da postura que se abre para o outro e para o diferente, de modo que a alteridade aconteça e, da complexidade que emerge por meio dessa perspectiva, resultando uma compreensão que se materializa na

linguagem, possível de ser identificada quando, a exemplo do que fizemos neste trabalho, analisamos o conteúdo de produções textuais.

Podemos ainda lançar um olhar sobre a própria poética antropofágica, pois, sem a postura compreensiva, torna-se impossível colocar em convergência elementos aparentemente díspares, o que ocorre – reforçamos – não sem conflito, mas sem contradições completas, com complementaridades que proporcionam conexões mais complexas, mais densas, mais ricas.

No processo de colocar aquilo que aparentemente não se relaciona, apenas conflita e diverge, em processo de convergência e até mesmo de convulsão, faz-se uma política muito mais eficaz que a dos partidarismos. No caso de Baby do Brasil, enquanto o extremismo é a tônica nos âmbitos de poder da esfera pública, a cantora antropofagicamente expõe o sem sentido que toda cisão, que toda redução da complexidade representa. Na superfície de certa comicidade e até mesmo de certo descomprometimento com a ação social no mundo imediato, a artista faz ultrapassagens, transgredindo fronteiras, pois, enquanto militâncias marcham, vociferando por cartilhas, Baby do Brasil rebola. Dissolve antagonismos e congrega duas esferas que se colocam tanto em confronto, especialmente no atual contexto político brasileiro, a secular e a gospel (evangélica).

Referências

ALVES, Rubem. **Religião e Repressão**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto antropófago e manifesto da poesia pau-brasil. In: TELES, G. M. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª. ed. Brasília: Vozes, 1976. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>>. Acesso em: 26 de maio de 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1987.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENETTI, Márcia. O jornalismo como acontecimento. In: BENETTI, Márcia e FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Jornalismo e acontecimento**: Mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010.

CAMARGO, Zeca. Show de Baby do Brasil foi noite histórica, diz Zeca Camargo. **Folha de São Paulo**, 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/serafina/2012/12/1190179-show-de-baby-do-brasil-foi-noite-historica-diz-zeca-camargo.shtml>. Acesso em: 7 de abril de 2016.

CORSALETTI, Fabrício. Tinindo trincando. **Folha de São Paulo**, 2013. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/colunas/fabricicoorsaletti/2013/01/1210086-tinindo-trincando.shtml?mobile>. Acesso em: 11 de abril de 2016.

CUNHA, Magali Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais**: evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

CUNHA, Magali Nascimento. **Vinho Novo em Odres Velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil. Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 347. 2004. (Tese).

CUSIC, Don. **The Sound of Light**: A History of Gospel Music. Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1990. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=YM3B7MQ3QW0C&prints=ec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 15 de agosto de 2017.

EVANGELISTA, Ronaldo. Baby do Brasil volta à música secular. **Folha de São Paulo**, 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/acontece/ac0811200601.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2016.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália**: alegoria, alegria. 3ª edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

GALVÃO, Luiz. **Novos Baianos**: a história do grupo que mudou a MPB. São Paulo: Lazuli, 2014. Versão digital. Disponível em: https://play.google.com/books/reader?id=XkVADQAAQBAJ&printsec=frontcover&output=reader&hl=pt_BR&pg=GBS.PT17.w.0.0.0.0.1. Acesso em: 2 de agosto de 2017.

MARTINO, Luís Mauro Sá. A compreensão como método. In: KÜNSCH, D. A., et al. **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. p. 309.

NUNES, Benedito. Antropofagia e Utopia. In: ANDRADE, Oswald de. **A Utopia Antropofágica**. São Paulo: Globo, 1990.

PICHIGUELLI, I. R.; SILVA, M.C.C. Processos interculturais em Baby do Brasil: caminhos para compreender o trânsito da cantora entre o gospel e o secular. **Revista Contemporânea**, UFBA, Online, v. 15, p. 900-917, 2017.

RABASSALO, Luciana. Baby do Brasil lança primeiro registro ao vivo da carreira e não descarta uma reunião dos Novos Baianos. **Rolling Stone**, 2015. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/baby-do-brasil-lanca-primeiro-registro-ao-vivo-da-carreira-e-nao-descarta-uma-reuniao-dos-novos-baianos/>. Acesso em: 10 de abril de 2016.

SCARANELLO, Isabella Reis Pichiguelli. **Gospel e secular no jornalismo**: a antropofagia da popstora Baby do Brasil. Dissertação de mestrado, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, Brasil, 2017.

SERELLE, Márcio. Da sedução e do abalo: a narrativa jornalística do horror. In: SILVA, Gislene et al. organizadores. **Jornalismo contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2011.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 95-107, 2005.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. **Comunicação e Cultura Antropofágicas**: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana. 978-85-205-0486-4. ed. Porto Alegre - Sorocaba: Sulina - EDUNISO, 2007.

SILVA, M. C. C. **A pele palpável da palavra**: a comunicação erótico em Oswald de Andrade. Sorocaba: Provocare, 2009.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. O Infiltrado: narrativas midiáticas e uma poética antropofágica. **Galaxia**, São Paulo, v. 30, p. 125-137, dezembro 2015.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

VARGAS, Herom. Tinindo trincando: contracultura e rock no samba dos Novos Baianos. **Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 9, n. n. 3, p. 461 -474, setembro-dezembro 2011.

Data da submissão: 13/05/2019

Data de aceite: 26/05/2019